

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

老子
道德經

TAO TE CHING
O LIVRO QUE REVELA DEUS

Lao-Tsé

TEXTO INTEGRAL

MARTIN  CLARET

老子
道
德
經

= LAO

= TSÉ

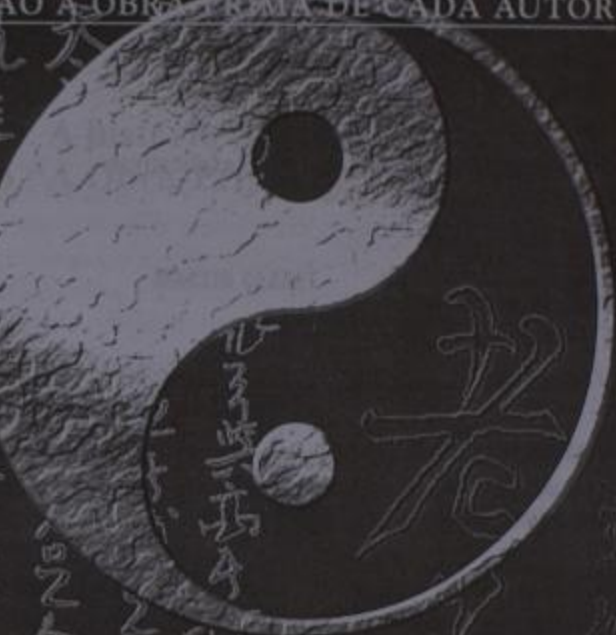
= TAO

= TE

= CHING

COLEÇÃO A OBRA PRIMA DE CADA AUTOR

老子有欲以奉天下唯有多
是以聖人而不恃功成而不处其不欲見



TAO TE CHING

O LIVRO QUE REVELA DEUS

Lao-Tsé

TEXTO INTEGRAL

MARTIN CLARET



Lao-Tsé cavalgando o búfalo. Imagem taoísta, de Chao Pu Chih, da dinastia Sung.

INTRODUÇÃO

Preliminares

HUBERTO ROHDEN

1. Os livros máximos da humanidade

Bhagavad Gita, de Krishna, nascido na Índia, há diversos milênios, orienta cerca de 2/3 da humanidade.

Tao Te Ching, de Lao-Tsé, nasceu na China, há dois mil e seiscentos anos, e apresenta em 81 pequenos aforismos toda a sabedoria dos grandes mestres da humanidade.

Evangelho, a mensagem viva do Cristo, orienta, há quase dois mil anos, a consciência de quase toda a humanidade ocidental.

Considerarei como minha missão terrestre traduzir e explicar esses três livros máximos da humanidade. Se eles fossem conhecidos e vividos, a vida terrestre do homem, em vez de ser um inferno de discórdias, seria um paraíso de harmonia e felicidade.

2. Lao-Tsé

Lao significa criança, jovem, adolescente.

Tsé é o sufixo de muitos nomes chineses, indicando idoso, maduro, sábio, correspondendo ao grego *presbyteros*, que

significa literalmente ancião, com a conotação de maduro, espiritualmente adulto.

De maneira que podemos transliterar Lao-Tsé por “jovem sábio”, “adolescente maduro”.

Lao-Tsé viveu no século VI a.C. Passou a primeira metade da sua vida — cerca de quarenta anos — na corte imperial da China, trabalhando como historiador e bibliotecário. Em muitos capítulos deste livro transparece a grande familiaridade que o autor tinha com a situação política do Celeste Império, fazendo, por vezes, lembrar Shakespeare, cujos dramas revelam as intrigas e a corrupção das cortes européias do seu tempo; como o grande escritor britânico, Lao-Tsé verbera o descabro dos governos e aponta o caminho para a sua regeneração.

Em outros capítulos, Lao-Tsé desce às últimas profundezas metafísicas da Realidade Cósmica, procurando atingir a raiz do Uno para além de todas as ramificações do Verso.

Nas explicações dos capítulos fizemos ver que Lao-Tsé seguia o mesmo caminho da nossa “Filosofia Univérsica”, que, embora nascida no Brasil em sua maneira cristalizada, forma o *background* de todas as grandes filosofias da Antiguidade.

Homem de meia-idade, Lao-Tsé abandonou a corte imperial e retirou-se, como eremita, para a floresta, onde viveu a segunda metade da sua longa vida estudando, meditando, auscultando a voz silenciosa da intuição cósmica, que deixou os seus reflexos no presente livro.

Finalmente, com cerca de 80 anos, Lao-Tsé cruzou a fronteira ocidental da China — e desapareceu, sem deixar vestígio da sua vida ulterior.

Ao cruzar a fronteira, encontrou-se com o guarda da divisa, que lhe pediu um resumo da sua filosofia, ao que Lao-Tsé lhe entregou um pequeno manuscrito, que continha a quintessência do atual *Tao Te Ching*.

O conteúdo deste livro, de 81 poemas brevíssimos, consta de pequenos aforismos, muitas vezes em forma de paradoxos.

Aliás, as grandes verdades revelam-se quase sempre em simples epigramas, lembrando os *Provérbios* de Salomão e as Beatitudes do Cristo. Paradoxo, do grego, ou absurdo, do latim, quer dizer “além da mente”, “ultramental”, designando uma verdade que a inteligência não pode alcançar, nem afirmar, nem negar. Por isso dizia Tertuliano: *Credo quia absurdum*, eu aceito a realidade espiritual, porque ela é ultra-intelectual, absurda, paradoxal. O que é intelectualmente cognoscível, como as coisas do ego empírico-analítico, não é espiritual, não é absurdo.

Lao-Tsé, em quase meio século de silêncio e solidão, deve ter auscultado a voz do Infinito, a alma do Universo, e tentou exprimir em conceitos mentais e em palavras verbais a sua sabedoria ultramental e ultraverbal.

O leitor que não estiver afinado pela mesma onda cósmica não compreenderá o verdadeiro sentido da filosofia de Lao-Tsé.

* * *

Lao-Tsé foi contemporâneo de outro filósofo chinês, Kong-fu-Tsé (latinizado: Confúcius), o qual elaborou uma filosofia moral-social que não transcende o plano horizontal da vida de cada dia, mas plasmou, como nenhuma outra, a vida do povo chinês. A filosofia de Kong-fu-Tsé não resistiu ao impacto do comunismo de nossos dias, sucumbindo, em parte, ao ateísmo militante e ao materialismo dialético dos *soviets*.

Lao-Tsé professa uma sabedoria de grande verticalidade, que nunca alcançou a popularidade da filosofia do seu colega. A filosofia de Lao-Tsé se parece muito com a metafísica mística da Índia.

A experiência intuitiva é jovem e bela somente no instante atômico em que nasce espontaneamente das profundezas da alma cósmica; mais tarde, quando analisada intelectualmente, murcha e é profanada — e acaba como fósil inerte.

Por isso, somente quem vive e vivencia a silenciosa experiência de Lao-Tsé pode compreender a sua sapiência cósmica.

Mais importante do que qualquer ato ego-consciente é a atitude cosmo-consciente.

“A verdade” — dizia Mahatma Gandhi — “é dura como diamante, mas também é delicada como flor de pessegueiro”. Quem apenas analisa intelectualmente os aforismos filosóficos de Lao-Tsé pode sentir-se repellido por sua *dureza diamantina* — mas quem sabe intuir espiritualmente a alma dessa sabedoria, esse gozará a *delicadeza flórea* dela.

Tao Te Ching convida o leitor a ser, acima de tudo, um auscultador da silenciosa alma do Universo.

3. *Tao Te Ching*

Sendo que os chineses não escrevem com letras como nós, mas usam ideogramas para exprimir idéias, não há uniformidade nas palavras, quando reproduzidas pelos nossos símbolos alfabéticos. Lao-Tsé, *Tao Te Ching*, admitem diversas grafias, como Lau-Tsi, Dau, Che, King, etc.

Tao significa o Absoluto, o Infinito, a Essência, a Suprema Realidade, a Divindade, a Inteligência Cósmica, a Vida Universal, a Consciência Invisível, o Insondável, etc. Nunca representa um indivíduo, uma pessoa, como Deus nas teologias ocidentais.

Te pode ser traduzido por caminho, diretriz, revelação.

Ching corresponde a livro, escrito, documento.

Tao Te Ching pode ser traduzido por “*Livro que leva à Divindade*” ou “*O livro que revela Deus*”.

Na presente tradução do texto guiamo-nos pelos tradutores alemães Rudolf Backofen e Werner Zimmermann, versão essa considerada bem próxima do original.

Sendo que a escrita chinesa usa de ideogramas em vez de letras, cada palavra permite vastas possibilidades de sentido e variantes. Basta lembrar que os referidos tradutores recorrem a mais de 30 palavras diferentes para exprimir o sentido do ideograma chinês para *Tao*; não estão interessados em repro-

duzir o corpo da palavra, mas sim a alma do texto, de acordo com o contexto.

Na escrita ideográfica trata-se mais de sentir, adivinhar, farejar o sentido exato de cada símbolo, do que, propriamente, transliterar o respectivo ideograma.

Por essa razão os leitores da presente versão provavelmente estranharão termos que não encontraram em outras traduções. A *organicidade elástica* de um ideograma oriental permite grande número de variantes, quando expressa pela *mecanicidade rígida* de um vocabulário ocidental.

Aliás, o mal de quase todas as traduções que conheço — mesmo sem se tratar de *Tao*, nem de ideogramas — está no fato de pecarem ao tentar traduzir mecanicamente, de vocábulo para vocábulo, o corpo de um livro, em vez de interpretarem organicamente a alma do livro.

O conhecido ditado italiano *traduttore traditore* (o tradutor é traidor) é justificado no caso de se fazer uma tradução mecânica, em vez de uma transladação orgânica — como se o pensamento fosse algo parecido com um computador material, e não uma entidade espiritual.

Traduzir sem trair é obra de um verdadeiro artista; não basta inteligir o corpo do livro, é necessário sentir-lhe também a alma.

Nesta tradução de *Tao Te Ching* fizemos o possível para interpretar o *espírito* do livro, sacrificando por vezes a *letra*.

4. Para compreender *Tao*

Deus, Brahman, Yahveh, Tao — que é que se entende por esta palavra?

Para muitos, Deus é uma espécie de ditador celeste, uma pessoa que vigia os homens de longe e registra os seus créditos e débitos, premiando-os ou castigando-os depois da morte, mandando os bons para um céu eterno e os maus para um inferno eterno.

Esse infantilismo primitivo domina as teologias cristãs de quase dois mil anos e, embora haja grandes variantes dessa concepção de Deus, no fundo é essa idéia antropomorfa.

Entretanto, essa concepção nada tem que ver com Tao.

No seu livro *Mein Weltbild*, descreve Einstein, maravilhosamente, três tipos da concepção de Deus: 1) O conceito do Deus-máquina, entre os povos mais primitivos; 2) o conceito do Deus-pessoa, entre os hebreus do Antigo Testamento, em geral, e entre os cristãos de todos os tempos e países; 3) o conceito do Deus-cósmico, professado por uns poucos místicos avançados, cujos representantes ultrapassam igrejas e teologias e encontram-se, esporadicamente, entre todos os povos e em todas as religiões. Einstein enumera, entre os da terceira classe, Demócrito, Francisco de Assis e Spinoza, quer dizer, um pagão, um cristão e um hebreu, dizendo que eles são irmãos na mesma fé.

Lao-Tsé e seu conceito de Tao poderiam ser incluídos no terceiro grupo, dos místicos cosmo-sapientes.

A elite espiritual dos povos orientais e os verdadeiros místicos do Ocidente são os representantes mais avançados da cultura espiritual da humanidade; todos eles professam a idéia do Deus-cósmico. Não são politeístas, nem panteístas, nem mesmo monoteístas — são monistas cósmicos.

O monoteísta reconhece um só Deus-pessoa, residente no céu. Os hebreus, no tempo de Moisés, nunca chegaram à idéia de um Deus único para o mundo inteiro; admitiam um Deus único para Israel, o Deus dos Exércitos. O monoteísmo nunca atingiu as alturas do verdadeiro monismo. Todo monoteísta é dualista, isto é, admite a existência de um Deus transcendente, de um Deus-pessoa, residente em alguma região longínqua do cosmos, com o qual o homem espera encontrar-se depois da morte.

Esse conceito do encontro com Deus num tempo futuro e num espaço distante é comum a todos os monoteístas. Esta concepção monoteísta-dualista de Deus contagiou, desde o princípio, o cristianismo ocidental, o que é perfeitamente com-

preensível, uma vez que os primeiros discípulos de Jesus vinham do judaísmo. Até hoje o cristianismo teológico do Ocidente não se libertou totalmente dessa herança. Os místicos cristãos, adeptos do monismo cósmico, foram por isso mesmo perseguidos, excomungados, ou, pelo menos, considerados suspeitos de heresia. Quando uma criança pensa em termos de adulto, deixa de ser criança, e os jardins-de-infância a expulsam como elemento estranho.

Quanto mais o homem se cosmifica ou universifica, tanto menos unilateral se torna e tanto mais onilateral é a sua sabedoria. A luz colorida no seu modo de pensar humano revela a luz incolor da sua experiência divina, origem de todas as cores.

Para o monista cósmico, Deus é a Realidade Una e Única, o grande Uno da Essência, que sempre de novo se revela pela pluralidade das existências, por meio do Verso das criaturas. As criaturas não são novas realidades, mas apenas novas manifestações da única Realidade; são o Uno da Essência Infinita que se “verte” (verso) ou se esparrama no Verso das existências finitas.

Em face da onipresença do Infinito é evidente que todos os finitos estão presentes no Infinito e que o Infinito está presente em todos os finitos.

O monismo, assim concebido, é rigorosamente lógico e revela uma acribia de precisão matemática.

Toda a filosofia ou sabedoria superior culmina infalivelmente no monismo cósmico, equidistante do dualismo separatista e do panteísmo identificador. Para o monista, tudo está em Deus, e Deus está em tudo — mas tudo não é Deus, nem Deus é tudo; as criaturas não estão separadas de Deus, nem são idênticas a Deus.

Todos os verdadeiros gênios da humanidade pensavam e sentiam em termos de monismo cósmico, cujo exemplo mais brilhante é o Cristo do Evangelho.

E como poderia Lao-Tsé, o grande gênio da sabedoria chinesa, ter pensado e sentido de outro modo? Por meio dos

81 capítulos brevíssimos do *Tao Te Ching*, lança-se, como um fio de luz, a experiência do Infinito, do Absoluto, do Uno, que se manifesta através dos Finitos, dos Relativos, do Verso.

A sabedoria de Lao-Tsé é tipicamente univérsica: do Uno emana o Verso; o Verso está no Uno e, embora o Uno do Infinito transcenda todo o Verso dos Finitos, estes estão imanentes naquele.

O Tao, em torno do qual gira este livro, pode ser considerado como a Divindade, o Absoluto, o Infinito, o Eterno, o Insondável, o Uno, o Todo, a Fonte, a Causa, a Realidade, a Alma do Universo, a Vida, a Inteligência Cósmica, a Consciência Universal, etc.

Enquanto o leitor não se identificar totalmente com essa consciência univérsica do monismo cósmico de Lao-Tsé não compreenderá a alma do *Tao Te Ching*.



O diagrama chinês *Tei-Gi*

HUBERTO ROHDEN



A bipolaridade complementar do Cosmos, que permeia toda a filosofia de Lao-Tsé, é maravilhosamente simbolizada pelo antiquíssimo diagrama chinês chamado *tei-gi*, estampado na capa deste livro.

Analisando a gênese deste símbolo, podemos dizer: o círculo incolor e vácuo representa a TESE do Absoluto, *Brahman*, a Divindade, como o puro Ser.



Esse círculo incolor e indefinido do Absoluto evolue rumo aos Relativos do Devir, aparecendo como positivo e negativo, *yang* e *yin*, masculino e feminino, céu e terra; o simples Ser de *Brahman* tornou-se o Criador *Brahma*, iniciando o drama da evolução.

